

POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA PLURAL¹

Jocimar Daolio²

Iniciamos nossas considerações a partir de uma constatação: a Educação Física escolar passa por uma grave crise, necessitando reformular alguns de seus conceitos e, principalmente, sua prática. Essa crise pode ser confirmada quando vemos que algumas escolas particulares de 1º e 2º graus têm substituído as aulas de Educação Física por outras disciplinas consideradas como mais relevantes. Constatamos uma crise na área também quando observamos a “fuga” de alunos das aulas, fuga esta que se dá quase sempre por meio de atestados médicos ou de trabalho falsos. Percebemos esta crise quando ouvimos muitas pessoas relatando verdadeiros traumas causados nas aulas de Educação Física; pessoas que foram vítimas de chacotas, subjugações e preconceitos, simplesmente por não serem habilidosas, e que acabaram sendo excluídas das aulas. E, finalmente, ligado a esse último fato, podemos observar uma falta de conhecimento e autonomia corporais na população, que se traduz pela ausência de hábito e jeito para realizar atividades físicas, além de uma falta de conhecimento que permita assistir atividades esportivas ou de dança.

Essas constatações não nos permitem afirmar que as aulas de Educação Física têm sido ruins, já que muitas pessoas relatam experiências gratificantes. O problema é que a Educação Física tem sido útil e motivante para poucos alunos. Esse fato remete-nos à certeza de que a Educação Física não sabe trabalhar com as diferenças apresentadas pelos alunos. Esse é o tema central que pretendemos desenvolver nesta oportunidade, propondo uma Educação Física Plural.

A dificuldade da Educação Física em lidar com as diferenças remonta à própria história da área, influenciada pela chamada Medicina Higienista. Eram os médicos, na segunda metade do século XIX, quem falavam de uma educação do homem brasileiro, que incluía, além dos aspectos higiênicos, morais e intelectuais, a dimensão física. Há cerca de 150 anos, portanto, a Educação Física brasileira é influenciada pelas idéias higiênicas e eugênicas, originárias do discurso médico do século XIX¹.

¹ Este texto é uma síntese da conferência por nós proferida no Seminário “Educação Física Escolar: Tendências e Desafios dos Anos 90”, realizado em São Paulo, nos dias 25, 26 e 27 de Agosto de 1995.

² Docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Até hoje essa influência médica pode ser sentida. Na formação profissional tem sido evidente o predomínio das disciplinas biológicas. Na atuação profissional ainda se prioriza a aptidão física dos alunos. Na visão de senso comum das pessoas que consomem a Educação Física, pode se observar a relação com a saúde orgânica. A mídia, quando trata do tema, muitas vezes busca a opinião de médicos ao invés de professores de Educação Física.

A história da Educação Física no Brasil, mais do que um conjunto de fatos que possam ter influenciado sua prática, contribuiu para a criação de um imaginário social referente ao corpo e à própria área, que se expressa nas ações dos professores até hoje. Esse imaginário aponta para uma visão de aluno como um indivíduo desvinculado de um contexto histórico, social, psicológico, político e econômico. E os corpos dos alunos, sobre e por meio dos quais a Educação Física atua, resumem-se exclusivamente em um conjunto de ossos, músculos, articulações, células e nervos.

É nesse sentido que temos afirmado em outros trabalhos² que tem ocorrido na Educação Física um processo de biologização, naturalização e universalização do corpo. Se os corpos dos alunos forem vistos como conjuntos biológicos, haverá uma tendência em encará-los como parte da natureza, e, portanto, como universais. Em outros termos, se os corpos forem vistos como unicamente biológicos, todos os alunos possuirão o mesmo corpo e as mesmas capacidades; em consequência, uma determinada prática servirá para todos os alunos, sempre. Dessa forma, as diferenças entre os alunos, ou não serão percebidas, ou serão explicadas a partir de sua natureza biológica, como se o comportamento motor dos alunos fosse unicamente consequência de sua carga genética. Nessa ótica, alguns alunos são mais dotados hereditariamente do que outros e nada há a fazer senão aceitar a natureza, que determinou alguns como aptos e outros como inaptos.

Estamos nos referindo a um imaginário social, que acreditamos estar influenciando a Educação Física ao longo de sua história, e, como tal, faz parte das ações e representações dos profissionais da área, não tendo, muitas vezes, acesso à sua consciência. Daí a dificuldade em transformar a prática escolar de Educação Física.

A consequência mais grave de um tipo de aula que tem por substrato a visão biológica de homem e por objetivo o desenvolvimento das aptidões físicas é sua incapacidade de trabalhar com as diferenças apresentadas pelos alunos. E quando falamos de diferenças, não nos

referimos apenas às físicas, mas também às culturais, sexuais e de nível de habilidade motora.

De fato, as aulas de Educação Física têm excluído um batalhão de alunos que não se encaixam nos padrões de habilidades motoras definidos, quase sempre, a partir do esporte de alto nível. Partimos do pressuposto que a Educação Física escolar deve ser para todos os alunos, sejam eles habilidosos e robustos, ou descoordenados, baixinhos, gordinhos, de óculos ou meninas³.

Foi a Antropologia a ciência que se debateu com a questão das diferenças entre os homens, uma vez que se debruçou sobre quase todos os povos, tribos e agrupamentos do mundo. Se se aceita que todos os indivíduos do planeta fazem parte da mesma espécie, constituindo uma unidade humana, há também a certeza constatada de que os homens se expressam culturalmente de maneiras absolutamente diversas. Houve época em que a Antropologia considerava homens diferentes como desiguais, chamando de primitivo quem não possuísse as características ditas civilizadas da Europa do século XIX. Era a chamada Antropologia Evolucionista, que, pautada no etnocentrismo, achava que todos os homens eram iguais, apresentando apenas ritmos de desenvolvimento diferentes. Hoje, entretanto, a Antropologia respeita as diferenças entre os indivíduos e os grupos, procurando compreender os significados das ações humanas⁴.

É na Antropologia da primeira metade deste século que encontramos um autor francês, Marcel Mauss, que se preocupou com a questão do corpo. Ele definiu “técnicas corporais” como sendo as maneiras como os homens tradicionalmente, e de maneira particular, sabem servir-se de seus corpos. Portanto, qualquer movimento humano é um ato técnico, porque possui, ao mesmo tempo, uma tradição e uma eficácia simbólica. A tradição garante que um determinado movimento seja transmitido de geração à geração. A eficácia simbólica diz respeito ao fato desse movimento atender a uma demanda de um dado grupo, se não num nível de eficiência, porém num nível simbólico⁵.

Se qualquer movimento é um ato técnico, não podemos falar numa técnica considerada perfeita, ou correta, senão num contexto e numa situação devidamente delimitados. Ora, a Educação Física tem afirmado ao longo dos anos que existe uma técnica de movimento certa e, quase sempre, o modelo padronizado é o do esporte de alto nível. Assim, a Educação Física coloca como seu objetivo o ensino da técnica da bandeja, do arremesso, do saque por cima etc. Ao eleger alguns movimentos como melhores, ela acaba por desconsiderar outras formas de expressão corporal.

A Educação Física sempre exigiu de seus alunos a eficiência nos movimentos, quer seja ela biomecânica, fisiológica ou em nível de rendimento esportivo. Ao buscar essa eficiência, desconsiderou a eficácia simbólica,

ou seja, as maneiras como os alunos lidam culturalmente com as formas de ginástica, as lutas, os jogos, as danças e os esportes. Eficácia que pode, algumas vezes, não funcionar em termos biomecânicos, fisiológicos ou de rendimento esportivo, mas que é a forma cultural como os alunos utilizam as técnicas corporais.

Assim, pode-se dizer que a Educação Física escolar não deve ter por objetivo o ensino de uma técnica considerada eficiente, já que, ao fazer isso, pode estar desconsiderando as formas culturais características do grupo alvo de um determinado programa, além de não estar levando em conta as diferenças individuais existentes entre os alunos. A função da Educação Física escolar, a nosso ver, não é ensinar o Basquetebol, ou o Voleibol, ou o Handebol, ou o Futebol, mas utilizar atividades valorizadas culturalmente num dado grupo para proporcionar um conhecimento que permita ao aluno, a partir da prática, compreender, usufruir, criticar e transformar as formas de ginástica, as danças, as lutas, os jogos e os esportes, elementos da chamada Cultura Motora (ou Corporal, ou Física)⁶.

Os esportes, os jogos, ou as danças, devem ser os momentos onde os alunos vão sintetizar toda a base motora desenvolvida nas séries iniciais. São ilustrações e não rígidos objetivos a serem seguidos. Pode ser o Basquetebol, ou uma dança regional, ou um jogo local. A escolha vai depender do grupo, do bairro, da cidade e da própria comunidade, que elege suas atividades mais significativas. Não cabe ao professor fazer isso, nem à Educação Física.

Nesse sentido, podemos afirmar que o Voleibol, por exemplo, é circunstancial e não se constitui em propriedade da Educação Física. Ele não teve sempre a popularidade que tem hoje. Aliás, há não muito tempo, o Voleibol era considerado uma prática primordialmente feminina, não sendo oferecido aos meninos. Além disso, sua prática escolar depende de um espaço regulamentado, postes, rede e bolas. Pode ser que alguma escola não tenha condições materiais para oferecer o Voleibol aos seus alunos, ou o próprio grupo não tenha interesse por essa modalidade. Eles não farão Voleibol, mas continuarão tendo direito à Educação Física.

Assim, trabalhar com o esporte na Educação Física não significa restringir-se ao ensino e prática das técnicas utilizadas no alto nível, até porque para se aprender as técnicas de uma modalidade esportiva, não é necessário frequentar aulas de Educação Física. Significa também o estudo da história da modalidade, suas implicações sociais e políticas, a evolução dos conceitos táticos, sua organização em federações etc. Não se trata de ensinar a modalidade esportiva em si, mas de, a partir dela, praticar, pensar, criticar, organizar, enfim, participar com autonomia da Cultura Corporal relativa aos esportes. Dessa forma, não é necessário ser um exímio praticante para ter acesso à cultura motora esportiva. Da forma como vem sendo feito, só os que são hábeis, praticam. Os que

não são, não têm chances e, via de regra, acabam detestando os esportes e as aulas de Educação Física.

Estamos falando de um conhecimento, cuja transmissão é responsabilidade da Educação Física. Conhecimento a respeito dos esportes, das formas de ginástica, das danças, jogos e lutas. E quando nos referimos ao conhecimento, não estamos apenas falando de um processo cognitivo, transmitido de forma teórica. Estamos entendendo conhecimento no seu sentido amplo, incluindo os níveis cognitivo e motor, com suas implicações históricas e políticas.

Propor uma Educação Física Plural significa fazer com que esta prática seja democrática, colocando seus serviços à disposição de todos os alunos. Para isso, é necessário considerar as individualidades dos alunos, expressas nas diferenças apresentadas por eles. Uma Educação Física Plural tentará considerar, num sentido mais amplo, o contexto sócio-cultural onde ela se dá, e, num sentido mais específico, as diferenças existentes entre os alunos. Uma Educação Física Plural permitirá fazer das diferenças entre os alunos, condição de sua igualdade, ao invés de ser critério para justificar preconceitos que levam à subjugação de uns sobre outros. Só assim, será garantido o direito de todos e de cada um à prática de Educação Física na escola.